

# Como Identificar Adversários Híbridos Emergentes

**Major Christopher O. Bowers, Exército dos EUA**

© 2012 Christopher O. Bowers

Este artigo foi originalmente publicado na revista *Parameters* (Spring 2012).

**A**S AMEAÇAS HÍBRIDAS representarão um desafio de segurança bastante real para as Forças Armadas dos Estados Unidos da América (EUA) nas próximas décadas. Aliam as vantagens de uma Força de combate irregular a várias capacidades de Forças Armadas estatais avançadas e desempenharão um papel de destaque cada vez maior em questões de segurança internacional. Quais são os atributos de uma verdadeira ameaça híbrida, como funcionam e como podem ser neutralizados antes mesmo de surgirem? Grande parte da literatura existente sobre ameaças híbridas se concentra em “o que” e “quem” elas são, no presente e no passado. Faz-se necessária uma tentativa metodológica para identificar onde e em que capacidade essas organizações surgirão nas próximas décadas.

Este artigo descreve uma metodologia para identificar mais rapidamente um adversário híbrido emergente. A metodologia analisa o atual entendimento sobre ameaças híbridas e suas capacidades e identifica três variáveis principais, necessárias a uma organização para que ela constitua uma ameaça híbrida: maturidade, capacidade e complexidade do terreno. O “ponto ideal”, de interseção entre essas variáveis, é o ponto de máxima efetividade tática, operacional e estratégica para uma ameaça híbrida. A avaliação

de uma possível ameaça com respeito a essas três variáveis nos permite aferir seu potencial para converter-se em um adversário híbrido efetivo e maduro. Também analisamos as circunstâncias exatas que possibilitariam essa transformação e consideramos como apoiá-la ou impedi-la.

## O Que é uma Ameaça Híbrida

Não existe uma definição única para ameaças híbridas — na mídia ou no léxico militar. Na Circular de Instrução (TC) 7-100, do Exército dos EUA, são definidas como a “combinação diversa e dinâmica de Forças regulares, Forças irregulares e/ou elementos criminosos, todos unidos para a obtenção de efeitos mutuamente benéficos”<sup>1</sup>. Os autores Frank Hoffman, Nathan Freier, John McCuen e Helmut Habermayer propuseram definições semelhantes para esse tipo de organização, que incluem a capacidade de engajar de modo efetivo em diversas formas de guerra simultaneamente<sup>2</sup>. William Nemeth também aborda, de modo convincente, adversários híbridos e guerra híbrida, demonstrando como grupos armados de sociedades menos desenvolvidas tendem a incorporar as tecnologias e táticas de adversários mais avançados de novas formas, mais efetivas que as originalmente pretendidas<sup>3</sup>.

A armadilha, em muitos estudos referentes ao tema, é que eles empregam padrões amplos demais para identificar quem e o que constitui uma ameaça híbrida. É natural que toda Força

---

*O Major Christopher O. Bowers, do Exército dos EUA, é, atualmente, planejador estratégico no Centro de Integração de Capacidades do Exército (ARCIC), no Forte Eustis, Estado da Virgínia. Exerceu uma variedade de*

*funções de comando e de estado-maior na 3ª Divisão de Infantaria e na 101ª Divisão Aeroterrestre (Ataque Aéreo), incluindo duas missões no Iraque. É mestre em Estudos sobre Segurança pela Georgetown University.*

Armada utilize todos e quaisquer meios à sua disposição. Em muitos casos, ela pode empregar uma variedade de capacidades e obter um efeito reduzido. Por exemplo, um grupo insurgente pode lançar ataques cibernéticos, executar ações de terrorismo ou participar de atividades do crime organizado. Isso significa apenas que ele se assemelha a praticamente todos os grupos insurgentes modernos. Todos os envolvidos em um conflito armado tentarão conduzir, no maior grau possível, ataques cibernéticos, guerra irregular, guerra de informação, empregos inovadores de tecnologias comerciais prontas para uso e outros ataques espetaculares. É preciso ter cautela ao simplesmente definir um adversário híbrido como qualquer entidade que se engaje em diferentes formas de combate, porque tal definição pode incluir quase todo tipo de organização, desde gangues como a MS-13 à *Wehrmacht* alemã no Terceiro Reich. Se todos são híbridos, então ninguém é.

A verdadeira combinação híbrida de capacidades militares avançadas e maturidade organizacional não é, normalmente, algo comum entre os grupos armados ao redor do mundo nem algo que possa ser facilmente obtido. Em consequência, é importante saber se podemos prever como e quando um grupo armado se transforma em um adversário híbrido plenamente desenvolvido.

Um adversário híbrido plenamente desenvolvido será capaz de passar, quando quiser, da guerra irregular ou de guerrilha para um combate extremamente convencional em formações valor companhia ou acima. Conforme afirma o pesquisador David Johnson, da RAND Corporation, um verdadeiro adversário híbrido será capaz de enfrentar, efetivamente, Forças militares oponentes a distância e obrigá-las a combater através de uma área de engajamento vasta para chegar ao combate aproximado<sup>4</sup>. Além disso, empregará uma ampla gama de capacidades, incluindo a cibernética,



Masser

Instantes após a Força Aérea Israelense lançar duas bombas guiadas a laser de 230 kg no centro de Tiro, sul do Líbano. Não houve mortes, mas cerca de uma dezena de pessoas foram feridas, incluindo pelo menos quatro crianças. O objetivo era um apartamento de propriedade de um dos principais líderes do Hezbollah.

mídias sociais, comunicações seguras, redes criminosas transnacionais e tecnologias avançadas, como os veículos aéreos não tripulados (VANT). No futuro, talvez cheguem a utilizar robôs.

Não apenas possuirão essas capacidades, como também serão competentes em seu emprego. A “faixa intermediária” de capacidades — abaixo de Forças estatais modernas e acima de uma Força de guerrilha ou insurgente, com aspectos de ambas — torna as organizações híbridas problemáticas para Forças Armadas ocidentais avançadas<sup>5</sup>. As organizações híbridas possuem uma estrutura relativamente flexível e celular. Mantêm vínculos estreitos com a população, que tornam a insurgência, o terrorismo e o crime organizado tão difíceis de derrotar. Suas capacidades de combate avançadas as tornam um páreo duro para Forças Armadas que não estejam aparelhadas e adestradas para o moderno combate de fogo e manobra de armas combinadas e conjuntas<sup>6</sup>.

---

### ***Para operar como uma ameaça híbrida, uma organização precisa contar com algumas das capacidades de uma Força Armada convencional moderna...***

Essas organizações híbridas não surgem do nada; na verdade, evoluem e se transformam de formas bastante específicas e previsíveis. A noção de desenvolvimento progressivo para os grupos armados não é algo novo. Peter Underwood lida com essa evolução em sua análise sobre piratas, *vikings* e cavaleiros teutônicos. Constata que grupos armados podem evoluir ao longo de um espectro que vai de bandos pouco organizados, motivados pelo lucro fácil, em um extremo, a militantes extremamente organizados, motivados por uma ideologia fanática, no extremo oposto.

Entre esses dois extremos, há um espectro de progressão, em que um grupo armado passará, gradativamente, a se concentrar menos na busca

de lucro de curto prazo. O grupo armado passa a voltar-se à obtenção de poder político e de capacidade militar para melhor promover seus ideais. Underwood denomina esse processo de “amadurecimento”. Constata que os grupos não podem evoluir ao longo desse espectro sem o envolvimento de um poder político estabelecido — nos tempos modernos, um Estado patrocinador<sup>7</sup>.

### **Capacidade**

Para operar como uma ameaça híbrida, uma organização precisa contar, pelo menos, com algumas das capacidades de uma Força Armada convencional moderna. Para os fins deste estudo, considera-se que um grupo possui uma capacidade quando dispõe dos elementos a seguir:

- Um tipo específico de arma ou tecnologia em quantidades significativas, como, por exemplo, mísseis guiados anticarro (*anti-tank guided missiles — ATGM*) e sistemas portáteis antiaéreos (*man-portable air-defense system — MANPADS*).
- O adestramento para utilizá-los efetivamente.
- A capacidade de manter a sustentabilidade.

Grupos com estoques de mísseis anticarro, por exemplo, também devem estar aptos a preparar, visar e disparar essas armas efetivamente, assim como entender seu emprego tático contra um objetivo blindado específico — o que não é uma série intuitiva de tarefas, como qualquer infante poderá confirmar<sup>8</sup>. Ainda que sejam capazes de utilizar, adequadamente, seus mísseis anticarro em ataques individuais, estão aptos a usá-los em conjunto com outras capacidades, como parte de uma operação mais ampla<sup>9</sup>? Em caso afirmativo, têm como obter mais mísseis anticarro quando seus estoques terminarem ou efetuar sua manutenção, se não forem necessários no momento? Caso a resposta a qualquer uma dessas perguntas seja “não”, então os mísseis anticarro do grupo são “um evento, e não uma capacidade”, parafraseando o visionário estratégico David Johnson<sup>10</sup>.

Onde poderá uma organização adquirir essas capacidades e o conhecimento para apoiá-las? Em alguns casos, as armas, adestramento e sustentação talvez já existam na forma de Forças militares de

um Estado em via de fracassar. Depois do colapso estatal, integrantes de tais Forças podem deixar de lado suas fardas e unir-se, formando rapidamente uma organização híbrida. Permanecem aptos a empregar suas capacidades militares existentes, não estando mais sujeitos, porém, às demandas de apoiar um aparato estatal fraco. Essa dinâmica foi vista na Tchetchênia nos anos 90 e, até certo ponto, na insurgência nacionalista sunita no Iraque, entre 2003 e 2007. Essas Forças militares “descem” no espectro apresentado na figura 1, alcançando o “ponto ideal” híbrido, provavelmente adquirindo, com isso, maior efetividade de combate, até finalmente chegarem abaixo do limiar em que suas capacidades foram esgotadas.

O colapso estatal é, também, o cenário com a maior probabilidade de que uma ameaça híbrida obtenha acesso a armas de destruição em massa (ADM). As ADM teriam os mesmos pré-requisitos que quaisquer outras capacidades, mas, por sua natureza, também costumam requerer recursos de adestramento e sustentação especializados, raros e de alto custo. Pode ser difícil para um adversário híbrido manter tal capacidade. Além disso, a posse de ADM por uma organização híbrida provocaria uma reação militar particularmente forte por parte das potências mundiais. Não se sabe se é possível dissuadir uma ameaça híbrida provida de ADM da mesma forma que um Estado. Estados patrocinadores podem ser dissuadidos de prover essas capacidades aos seus “substitutos” ou “intermediários” (*proxies*) híbridos, algo que parece ser comprovado pela história recente. Entretanto, organizações híbridas que obtenham ADM por meio do colapso estatal talvez não respondam aos mesmos estímulos que influenciam os Estados.

O colapso estatal é algo raro. Por isso, na maioria dos casos, uma organização precisará obter armas avançadas, adestramento e apoio de um Estado patrocinador. A dinâmica do patrocínio estatal e da guerra “por procuração (ou delegação) já foi objeto de inúmeros livros<sup>11</sup>. Cabe apenas dizer, neste artigo, que um Estado patrocinador fornecerá apoio na medida em que acreditar que o grupo “substituto” ou

“intermediário” constitui um meio eficaz para um fim estratégico. Avaliará o apoio a ser oferecido com base no grau de segurança que um investimento em um grupo específico teria, bem como em sua conformidade com seus interesses gerais. Em seu cálculo, levará em consideração o alinhamento ou receptividade de tal grupo aos interesses estatais, assim como sua capacidade para efetivamente satisfazê-los.

O Hezbollah, do Líbano, talvez seja o melhor exemplo atual de um “intermediário” cujo Estado patrocinador, o Irã, tenha fornecido as capacidades necessárias para sua atuação como ameaça híbrida<sup>12</sup>. Por outro lado, os extremistas xiitas no Iraque, frequentemente associados à milícia Exército de Mahdi, constituem um exemplo de grupos que receberam um apoio mínimo de seus patrocinadores estatais iranianos. O Irã nunca forneceu a essas organizações amplas capacidades operacionais além de projéteis explosivos (*explosively formed penetrators — EFPs*) e relativamente pouco adestramento e conhecimentos técnicos especializados<sup>13</sup>. Uma comparação entre as capacidades dessas duas organizações “intermediárias”, patrocinadas pelo mesmo Estado, é reveladora. Por que o Irã forneceu mais capacidades avançadas e apoio ao Hezbollah que aos insurgentes xiitas no Iraque? Há várias razões, ligadas às diferentes dinâmicas internas dessas organizações “intermediárias” e à sua habilidade para atrair e utilizar as capacidades fornecidas.

Nenhum Estado quer investir recursos em uma organização “intermediária” que não possa ou não queira contribuir, de modo previsível, para a consecução de seus fins estratégicos. Outro fator de extrema importância é a possibilidade de que um Estado patrocinador seja dissuadido de fornecer um alto grau de apoio por atores externos. Contudo, também nesse caso, as preferências do grupo “intermediário” serão consideradas nos cálculos de riscos e benefícios do Estado patrocinador. Em essência, para atrair um elevado grau de patrocínio estatal e as capacidades que ele pode proporcionar, uma organização deve possuir a maturidade para transformá-lo em um bom investimento.

## Maturidade

A maturidade do grupo é importante para que uma organização possa tornar-se um ator híbrido. A maturidade inclui:

- Grau de organização e coesão;
- Profundidade de liderança;
- Receptividade à liderança interna e Estados patrocinadores estrangeiros;
- Apoio da população;
- Até que ponto o grupo é voltado a objetivos, com uma estratégia efetiva.

A maturidade do grupo cresce ao longo do espectro apresentado na figura 1, passando de manifestações de massa e gangues de rua a organizações do crime organizado e milícias mais sofisticadas e organizações paramilitares,

até chegar a Forças de guerrilha ou insurgentes, capazes de operar como Unidades eficazes abaixo do valor companhia<sup>14</sup>. Ao ultrapassarem esse nível de capacidade e organização, esses grupos começarão a aproximar-se do “ponto ideal”, em que apresentarão os meios mais efetivos para os fins estratégicos de um patrocinador.

Esse nível de maturidade implica um grau de organização e liderança em que há um menor número de pontos de falha individuais. Líderes principais e até Unidades inteiras podem ser eliminados e capturados com uma perda relativamente mínima de capacidade geral. Um grupo armado maduro terá alcançado a unidade de esforço, a coesão e a capacidade de corresponder aos objetivos finais e diretrizes de sua liderança. Terá, de

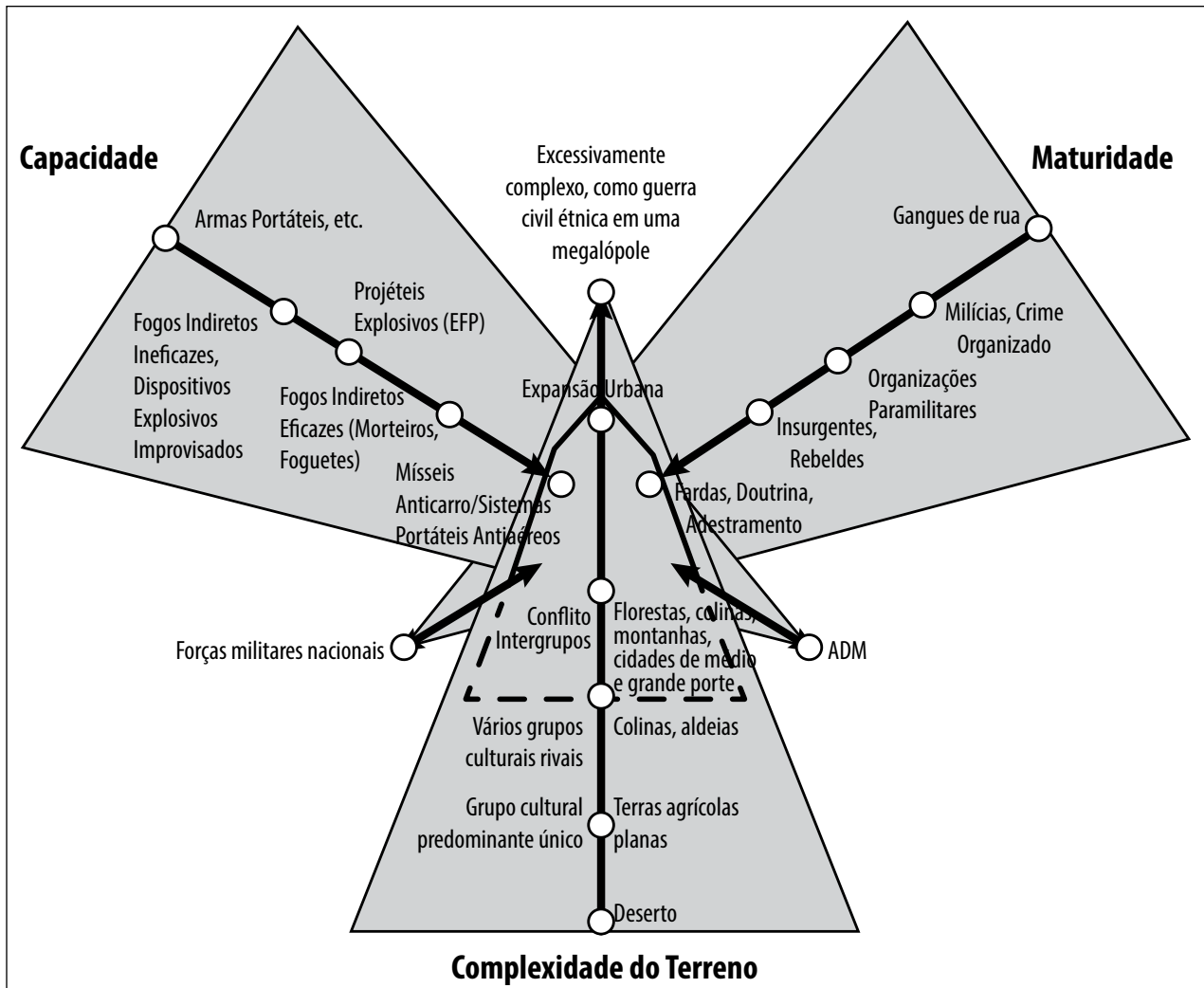


Figura 1 – Interseção das Variáveis de uma Ameaça Híbrida



modo geral, removido de suas fileiras os elementos e facções rebeldes mais aparentes. Os objetivos estratégicos da organização transcenderão o mero desejo de lucro ou de vingança, embora essas duas atividades continuem a ser de extrema importância.

Embora a motivação ideológica seja importante no amadurecimento da organização, uma adesão excessiva a uma ideologia pode, na verdade, dificultar esse processo. Ideologias extremistas podem impedir a organização de alcançar o devido grau de pragmatismo, afastando o apoio avançado de prováveis Estados patrocinadores. Organizações que “recebem ordens de Deus” normalmente não são suficientemente receptivas aos fins estratégicos de um Estado patrocinador. A Al Qaeda é um bom exemplo disso, por sua ideologia extremista e inerente incontrolabilidade. Além disso, uma mentalidade particularmente violenta ou niilista pode ter óbvios benefícios táticos e psicológicos para qualquer grupo armado, mas também tenderá a afastar o apoio da população (e, possivelmente, até gerar uma reação negativa), a provocar uma resposta mais forte por parte dos adversários e a aumentar o grau de risco e incerteza para um potencial Estado patrocinador. Abu Musab Zarqawi e a Al Qaeda no Iraque são exemplos perfeitos, mas esse fator também impede outros grupos, como o Los Zetas, no México, de se tornarem verdadeiras ameaças híbridas<sup>15</sup>.

O termo “maturidade” não é sinônimo de “idade”. Não obstante, existe a interessante possibilidade de que uma organização híbrida não seja capaz de amadurecer totalmente a menos que sobreviva o término do conflito que lhe tenha dado origem, gozando de um intervalo de recuperação antes de engajar-se em um conflito subsequente. Esse intervalo entre conflitos proporcionará à organização uma importante oportunidade de recuperação, durante a qual poderá reforçar sua liderança, fortalecer-se, livrar-se de elementos rebeldes e adestrar seus integrantes. Cabe observar que esse período de recuperação é raramente pacífico e envolverá, provavelmente, o combate irregular de baixa intensidade, o terrorismo ou atividades semelhantes. Na verdade, essas atividades são essenciais aos processos de fortalecimento e

adestramento, assim como à manutenção da relevância ideológica e política do grupo. Entretanto, esse período deve consistir em um verdadeiro descanso do constante desgaste inerente à guerra aberta, em maior medida que a oferecida por uma área segura apenas<sup>16</sup>.

Com o êxito ao término de um conflito, um grupo híbrido pode acabar amadurecendo a ponto de ultrapassar o “ponto ideal” e transformar-se em uma Força Armada nacional. Nesse caso, corre o risco de tornar-se apenas mais um Exército de “terceiro mundo”, perdendo suas vantagens em decorrência da burocracia, tédio e corrupção. Por outro lado, uma organização híbrida bem-sucedida pode desintegrar-se, sucumbindo a conflitos internos e à ascensão de senhores de guerra (*warlordism*), especialmente se estiverem em um ponto relativamente baixo no espectro de maturidade ou em uma trajetória descendente, como é, muitas vezes, o caso de grupos híbridos formados rapidamente após um colapso. Essa dinâmica pôde ser observada no período após a primeira Guerra da Tchetchênia e poderá ocorrer caso surja uma atividade híbrida em uma Coreia do Norte pós-colapso<sup>17</sup>. O aspecto em comum é que, embora seja difícil para uma organização alcançar o ponto ideal de maturidade híbrida, é ainda mais difícil que ela permaneça nele por um longo período. A tendência natural será ultrapassá-lo ou retroceder, para abaixo dele.

Evidentemente, como todos os grupos humanos, as organizações híbridas são fruto de seu ambiente. As capacidades não são acumuladas ou exercidas em um vazio; o mesmo se aplica à maturidade. As organizações híbridas são normalmente ligadas ao terreno no qual existem e atuam. A própria complexidade desse terreno pode ser um fator determinante para a existência de uma verdadeira ameaça híbrida.

### Complexidade do Terreno

A complexidade do terreno é o terceiro fator que possibilita que uma ameaça híbrida madura e capaz obtenha êxito contra uma Força militar moderna. Para os fins deste artigo, o termo “terreno” inclui tanto o terreno humano quanto o geográfico. É

algo quase intuitivo que um terreno complexo seja um fator determinante em possibilitar que um adversário híbrido enfrente, efetivamente, um oponente militar moderno. Quanto menor a complexidade do terreno geográfico e humano, maior será a capacidade de uma Força Armada ocidental moderna para tirar proveito de seu tamanho, material bélico e tecnologia a fim de obter uma vantagem decisiva<sup>18</sup>. Um bom exemplo disso foi a Operação *Cast Lead*, em Gaza, em 2008. As Forças de Defesa de Israel tiraram vantagem do terreno para isolar as Forças do Hamas em áreas urbanas, reduzindo sua efetividade operacional<sup>19</sup>. Outro exemplo pode ser visto nos conflitos na Tchetchênia, no qual as Forças híbridas tchetchenas cederam, de modo geral, o controle sobre a região ao norte do Rio Terek aos russos, por “não poderem combater efetivamente contra estes nas estepes”<sup>20</sup>.

Além de prover capacidades táticas e organizacionais a uma ameaça híbrida, o terreno complexo fornece áreas seguras, ao impedir uma Força militar moderna de conduzir uma efetiva seleção de alvos. Também exerce pressão adicional sobre a capacidade organizacional, logística, de comunicações e de transporte de uma Força militar convencional moderna. Quanto maior a complexidade do terreno, mais ele precisará ser levado em consideração por todos os integrantes de uma Força Armada, desde um planejador do estado-maior a um infante operando na selva, escalando uma montanha ou abrindo caminho em uma favela densamente povoada.

Outro tipo de terreno em que houve tremendos avanços é o ciberespaço. As capacidades cibernéticas de um grupo híbrido podem capacitá-lo a tirar proveito do terreno complexo do ciberespaço da mesma forma que ele explora o terreno físico e humano. As capacidades cibernéticas incluem a execução de ataques a redes, recrutamento, operações de informações e operações financeiras<sup>21</sup>. As organizações híbridas do futuro podem ou não ser tão capazes e familiarizadas com o mutável e amorfo campo cibernético quanto seus adversários estatais, mas é certo que tentarão atuar nessa área.

A figura 1 ilustra o aumento de complexidade do terreno ao longo de uma faixa que compreende

desde o deserto (campo de batalha ideal para uma Força militar mecanizada) até um terreno extremamente complexo, composto de áreas urbanas densas próximas a terrenos irregulares, montanhosos e cobertos de matas ou selvas. O terreno de uma megalópole urbana como Karachi, Lagos ou Cidade do México seria ainda mais complexo, desafiando as capacidades de qualquer Força Armada.

O espectro também mede a complexidade do terreno humano. O terreno humano aumenta em complexidade, passando de um único grupo cultural em uma área rural escassamente povoada, em um extremo do espectro, até vários grupos étnicos ou religiosos hostis em conflito aberto, no outro extremo. Uma organização híbrida quase certamente extrairá sua força primordialmente de um grupo racial, étnico, religioso ou ideológico específico ou de algum outro grupo coeso semelhante. Para que esse grupo cultural coeso tenha algum motivo para se envolver em um conflito, deve existir, de antemão, algum tipo de tensão ou disparidade na sociedade em questão, alguma “ofensa” para a qual queiram justiça. Um certo grau de tensão em relação a outros grupos também serve ao propósito do grupo híbrido, de manter seus fundamentos ideológicos. Por sua vez, isso lhe proporcionará apoio popular, recrutamento, propaganda e áreas seguras.

A complexidade do terreno geográfico e do terreno humano está intimamente ligada ao caráter operacionalmente defensivo da guerra híbrida. As organizações híbridas têm muitas das mesmas qualidades de uma Força de combate irregular ou até uma insurgência, fazendo com que seja quase impossível para elas operar efetivamente sem vínculos próximos com a população ou familiaridade com o terreno local. Caso sejam privadas desses dois aspectos, deixam de ter muitas das vantagens táticas da defesa; suas armas e capacidades logísticas tornam-se menos efetivas; e perdem a capacidade de abrigar-se contra ataques do adversário. Precisam ser o “time anfitrião”, caso queiram vencer. Por esse motivo, adversários híbridos raramente ou nunca

representam uma ameaça de invasão a Estados estrangeiros, já que perderiam as vantagens do terreno complexo, caso o abandonassem e tentassem atuar como uma Força de combate fora de sua região de origem. Não obstante, quando aptos, eles invariavelmente conduzem ataques terroristas, de foguetes e cibernéticos, além de outras ações ofensivas táticas, contra o território do oponente.

Como no caso da maturidade, o ponto extremo no espectro de complexidade do terreno pode ser prejudicial a uma organização híbrida. Uma organização que é obrigada a investir grande parte de sua energia para controlar uma megalópole ou dezenas de vales tribais isolados e a combater rivais fortes constantemente não será capaz de desenvolver a profundidade organizacional e o foco necessários para sobreviver como ator híbrido. Em palavras simples, se essas condições estiverem presentes, a organização híbrida terá menor valor para o

Estado patrocinador como um “intermediário” estratégico e, provavelmente, perderá apoio, voltando a ser um ator irregular.

Mais uma vez, a zona de maior benefício para um organização híbrida será aquela em que o terreno humano e o geográfico sejam complexos o suficiente para proporcionar-lhe o apoio popular e uma vantagem defensiva, mas não a ponto de que ela própria tenha dificuldades em controlá-lo.

### Sobreposição das Três Variáveis

A figura 1 descreve a sobreposição das três variáveis citadas — capacidade, maturidade e complexidade do terreno — que se conjugam para gerar um adversário híbrido. São particularmente fortes no ponto de interseção entre as três variáveis, delineado pela linha preta. Caso uma ou mais variáveis de um dado grupo fiquem aquém — ou acabem indo além — do “ponto ideal” de interseção, ele não estará apto a apresentar uma capacidade de ameaça híbrida



Masser

Foguete *Katyusha* lançado do Líbano atinge hospital em Haifa, Israel. A imagem mostra o Centro Médico Rambam e o Hospital Rothschild.



plenamente desenvolvida. O movimento ao longo do espectro ocorre em ambos os sentidos. Mais uma vez, é inteiramente possível que, no espectro de maturidade, um grupo passe de Força Armada estatal para ameaça híbrida, o que pode aumentar sua efetividade operacional e tática, pelo menos temporariamente.

A figura também é um modelo útil para prever quais organizações existentes ou emergentes têm o potencial para se transformar em uma ameaça híbrida na próxima década. Devido ao requisito de maturidade organizacional, é improvável que um adversário híbrido surja do nada nos próximos anos. Ao contrário, é quase certo que qualquer adversário híbrido que se torne ativo na próxima década se origine de grupos armados já existentes ou da infraestrutura militar e de segurança de certos Estados em via de fracassar.

O modelo pode ser aplicado a uma ameaça híbrida em potencial (ex.: Coreia do Norte pós-colapso), para avaliar a probabilidade de que ela se enquadre no ponto de interseção das três variáveis. Se um grupo em particular estiver se aproximando da interseção, essa avaliação possibilitará que os esforços de Inteligência e planejamento sejam concentrados naquele grupo ou área específica.

Esses esforços vão além de simplesmente planejar como combater ou neutralizar o grupo em questão, caso ele acabe se transformando em uma ameaça híbrida madura. Claramente, seria mais efetivo dedicar recursos a prevenir que um potencial adversário híbrido alcance o ponto de interseção. Em essência, são necessárias medidas para minar o amadurecimento de tal grupo e cessar seu acúmulo de capacidades. Embora a complexidade do terreno seja uma variável mais difícil de afetar, talvez seja possível, em alguns casos, aumentá-la em relação ao terreno humano, mediante o apoio a uma organização rival forte ou alguma outra forma de mudar o equilíbrio de forças naquela sociedade. Tais ações talvez obriguem o grupo híbrido a utilizar uma parcela desproporcional de seus recursos e esforços, afastando-o do ponto de interseção. Por fim, em alguns casos, uma possível organização híbrida pode ser cooptada

como um útil “intermediário”, se as circunstâncias estratégicas assim o permitirem.

Vale lembrar que os adversários híbridos não são, necessariamente, mais perigosos ou poderosos que outros tipos de grupo armado. Sua maior vantagem é a capacidade de surpreender um oponente despreparado, que seja adestrado e aparelhado especificamente para um extremo do espectro dos conflitos ou, ainda, que não seja capaz de ir além de um referencial preconcebido de “convencional ou contrainsurgência”. Uma Força militar que detiver capacidades de fogo e manobra de armas combinadas e conjuntas, assim como a flexibilidade e o foco na população de uma campanha de contrainsurgência, terá as ferramentas necessárias para obter o êxito contra um adversário híbrido.

Se há uma falha na metodologia de previsão apresentada neste artigo, é o fato de que a análise do *status* de um grupo é algo um tanto subjetivo, especialmente no que diz respeito à maturidade. Essa falha poderia ser remediada até certo ponto com uma série de estudos adicionais. A aplicação desse método a uma possível ameaça híbrida e a combinação de pareceres de especialistas sobre o posicionamento atual e potencial de tal grupo ao longo das três variáveis aumentariam a capacidade de previsão. Por outro lado, as variáveis poderiam ser aplicadas a casos históricos para validar a metodologia. Se uma quantidade suficiente de casos for estudada, seria possível aplicar a análise de regressão para testar as três variáveis independentes, definindo o ponto “ideal” em cada uma delas.

Além dos exemplos frequentemente citados sobre as experiências das Forças de Defesa de Israel no Líbano, em 2006, e em Gaza, em 2008, a experiência dos EUA no Iraque, em 2003, é um útil estudo de caso sobre o combate entre uma Força militar convencional ocidental e um adversário que buscou combater como ameaça híbrida. As Forças iraquianas de Saddam Hussein tentaram se organizar e combater uma invasão da coalizão liderada pelos EUA de um modo que muitos considerariam híbrido. Suas ações incluíram o emprego de formações convencionais, carros de combate, artilharia e mísseis. Também incluíram os “Mártires

de Saddam” (milícia paramilitar) e combatentes irregulares estrangeiros, homens-bomba, o uso de escudos humanos, campanhas de informação e de mídia e o envolvimento de celebridades norte-americanas e da população árabe. Acreditava-se que Saddam dispusesse de armas químicas, e ele já havia demonstrado sua disposição para conduzir uma “guerra ambiental” ao explodir poços petrolíferos durante a primeira Guerra do Golfo, em 1991.

A coalizão liderada pelos EUA sobrepujou essa ameaça híbrida aparentemente forte em uma das campanhas mais desiguais da história. Isso decorreu de dois fatores principais. O primeiro é que as Forças da coalizão e, em particular, as Forças norte-americanas, abordaram e conduziram essa campanha por meio de fogos e manobras de armas combinadas e conjuntas. Isso permitiu-lhes enfrentar, com relativa facilidade, tudo os que iraquianos empregaram contra eles — carros de combate T-72, homens-bomba ou táticas de emassamento de infantaria<sup>22</sup>.

Segundo, embora tenham tentado organizar-se e combater de modo híbrido, os iraquianos não conseguiram alcançar a sinergia e a efetividade de outros adversários híbridos recentes, como os tchetchenos ou o Hezbollah. Foram prejudicados por uma estrutura político-militar incrivelmente inábil e ineficaz. Não possuíam a tecnologia e o *know-how* para fazer pleno uso das informações obtidas e dos meios de comunicação no campo de batalha (embora isso fosse ocorrer mais tarde durante a insurgência). Careciam, ainda, de uma capacidade ampla e eficaz de fogos a distância, como mísseis anticarro avançados. Grande parte do combate inicial ocorreu no sul, onde o terreno é plano e a população não apoiava o regime baathista e, em geral, habitava cidades pequenas, densas e facilmente contornáveis: tudo isso favoreceu as Forças mecanizadas da coalizão. Esses e muitos outros fatores impediram que as Forças iraquianas formassem uma ameaça híbrida que se tornasse mais que a soma de suas partes. Suas insuficiências em capacidade, maturidade e terreno levaram à sua derrota na campanha inicial e são um lembrete de como é difícil criar uma Força de combate híbrida forte e capaz.

Evidentemente, depois da campanha inicial, as Forças da coalizão logo se viram em condições cada vez piores, uma história longa e complicada demais para este artigo. Embora o foco inicial exclusivo das Forças norte-americanas no combate convencional de alta intensidade as tenha capacitado a derrotar, facilmente, as Forças híbridas iraquianas no campo de batalha, tal foco decerto contribuiu para a situação desastrosa que se seguiu. Interações problemáticas com a população iraquiana criaram as condições para anos de uma insurgência sangrenta. Mais uma vez, é vital que uma Força militar mantenha a flexibilidade de suas capacidades de fogo e manobra de armas combinadas e conjuntas, assim como a atenção à população local. É em meio à população que o futuro combate ocorrerá inevitavelmente.

### Conclusão

As organizações híbridas exercerão um papel cada vez mais destacado nas questões de segurança internacional nos próximos anos. Atuando em terrenos extremamente complexos e conjugando muitos dos pontos fortes de uma Força de combate irregular com as diversas capacidades de uma Força militar estatal avançada, essas organizações híbridas poderiam enfrentar as Forças Armadas dos EUA no futuro próximo.

Este artigo propõe uma metodologia para identificar mais facilmente futuros adversários híbridos, com base nas três variáveis centrais de uma organização híbrida. A análise do ponto de interseção entre as variáveis de maturidade, capacidade e complexidade do terreno possibilita avaliar o potencial de uma organização específica para se transformar em uma verdadeira ameaça híbrida.

Isso também viabiliza identificar as circunstâncias exatas que permitiriam tal transformação e como apoiá-la ou impedi-la conforme a estratégia exigir. Essa metodologia representa um bom ponto de partida para pesquisas adicionais que possam fornecer uma ferramenta para uma análise aprofundada de grupos específicos, em apoio aos esforços de Inteligência e planejamento. **MR**

## REFERÊNCIAS

1. U.S. DEPARTMENT OF THE ARMY, *Hybrid Threat*, Training Circular 7-100 (Washington DC: U.S. Department of the Army, 26 Nov. 2010), 1-1.
2. HOFFMAN, Frank G., *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars* (Arlington, VA: Potomac Institute for Policy Studies, December 2007); FREIER, Nathan P., *Strategic Competition and Resistance in the 21st Century: Irregular, Catastrophic, Traditional, and Hybrid Challenges in Context* (Carlisle, PA: United States Army War College, Strategic Studies Institute, May 2007); MCCUEN, John J., "Hybrid Wars," *Military Review* 88, no. 2 (March-April 2008): p. 107-113; HABERMAYER, Helmut, "Hybrid Threats and a Possible Counter-Strategy", in *Hybrid and Cyber War as Consequences of the Asymmetry: A Comprehensive Approach Answering Hybrid Actors and Activities in Cyberspace*, eds. Josef Schrofl, Bahram M. Rajae, and Dieter Muhr (Frankfurt am Main, Germany: Peter Lang), p. 249-272.
3. O Tenente-Coronel William J. Nemeth se concentra na Tchetchênia em seu estudo *Future War and Chechnya: A Case for Hybrid Warfare* (Monterrey CA: Naval Postgraduate School, Jun. 2002). Entretanto, ele também oferece exemplos desse paradigma que incluem o uso de cavalos e fuzis de repetição por indígenas norte-americanos e o emprego de dispositivos móveis, meios de comunicação de massa e mídias sociais por militantes islamitas.
4. Isso é sistematicamente retratado em obras sobre ameaças híbridas por David E. Johnson, como *Hard Fighting: Israel in Lebanon and Gaza* (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2012); "Minding the Middle: Insights from Hezbollah and Hamas for Future Warfare", *Strategic Insights* 10 (Oct. 2011), disponível em: [http://www.nps.edu/Academics/Centers/CCC/Research-Publications/StrategicInsights/2011/Oct/SI-v10-FoW\\_pg124-137\\_Johnson.pdf](http://www.nps.edu/Academics/Centers/CCC/Research-Publications/StrategicInsights/2011/Oct/SI-v10-FoW_pg124-137_Johnson.pdf); *Military Capabilities for Hybrid War: Insights from the Israel Defense Forces in Lebanon and Gaza* (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2010); e *Heavy Armor in the Future Security Environment* (Santa Monica: RAND Corporation, 2011).
5. Ver figura em JOHNSON, *Hard Fighting*, p. 171.
6. JOHNSON, *Hard Fighting*, p. 146-170.
7. UNDERWOOD, Peter T. "Pirates, Vikings, and Teutonic Knights", in *Pirates, Terrorists, and Warlords: The History, Influence, and Future of Armed Groups Around the World*, ed. Jeffrey H. Norwitz (New York, NY: Skyhorse, 2009), p. 17-25.
8. As dificuldades e redundâncias necessárias para o emprego efetivo de até os mais avançados mísseis antitarro portáteis também são ressaltados em DUNNIGAN, James. "Hapless Hezbollah ATGMs Revealed", *StrategyPage.com*, 7 Sept. 2008. Disponível em: <http://www.strategypage.com/dls/articles/20089721428.asp>. Acesso em: 28 nov. 2011.
9. ESHEL, David. "Hezbollah Anti-Amour Tactics and Weapons: Assessment of the Second Lebanon War", *Defense-Update.com*, 2007. Disponível em: [http://defense-update.com/analysis/lebanon\\_war\\_4.htm](http://defense-update.com/analysis/lebanon_war_4.htm). Acesso em: 5 dez. 2011.
10. JOHNSON, *Hard Fighting*, p. 156.
11. BYMAN, Daniel. *Deadly Connections: States that Sponsor Terrorism* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005); FELTER, Joseph e FISHMAN, Brian, *Iranian Strategy in Iraq: Politics and "Other Means"* (West Point, NY: CTC 2008); RUBIN, Bary M., *The Politics of Terrorism: Terror as a State and Revolutionary Strategy* (Washington, DC: Johns Hopkins School of Advanced International Studies, 1989).
12. BLANFORD, Nicholas. *Warriors of God: Inside Hezbollah's Thirty-Year Struggle Against Israel* (New York: Random House, 2011).
13. FELTER e FISHMAN, *Iranian Strategy in Iraq*, p. 38-39.
14. Em geral, uma companhia é composta de cerca de cem combatentes, além de um componente de comando. Uma companhia também tem seus armamentos pesados orgânicos (metralhadoras, armas/mísseis antitarro, morteiros, etc.). Essa organização e suas armas serão subdivididas em vários pelotões entre 20 e 30 integrantes ou frações semelhantes, que combatem de modo coordenado como parte da companhia. Essa ação coordenada é o componente fundamental que separa uma "companhia" de ser apenas um grupo de cerca de cem combatentes.
15. BUNKER, Robert J. "Criminal (Cartel & Gang) Insurgencies in Mexico and the Americas: What you need to know, not what you want to hear", *Testimony before the House Foreign Affairs Subcommittee on the Western Hemisphere at the Hearing 'Has Merida Evolved? Part One: The Evolution of Drug Cartels and the Threat to Mexico's Governance'*, 13 Sept. 2011, p. 6-9. Este trabalho discute a evolução das gangues e cartéis e sua transformação em novas insurgências políticas e de combate.
16. Alguns exemplos desse período de recuperação podem ser observados nos casos do Vietnã, no final dos anos 50 e início dos anos 60, e do Líbano, entre 2002 e 2006.
17. NEMETH, *Future War and Chechnya*, p. 53.
18. LUTTWAK, Edward. "In Praise of Aerial Bombing: Why terror from the skies still works", *ForeignPolicy.com*, (March/April 2010). Disponível em: [http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/02/22/in\\_praise\\_of\\_aerial\\_bombing](http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/02/22/in_praise_of_aerial_bombing). Acesso em: 28 Nov. 2011.
19. JOHNSON, David E. "Military Capabilities for Hybrid War".
20. NEMETH, *Future War and Chechnya*, p. 53.
21. Este tema é amplamente abordado por Richard Schultz em "Virtual Sanctuary Enables Global Insurgency", *Pirates, Terrorists, and Warlords: The History, Influence, and Future of Armed Groups Around the World*, ed. Jeffrey H. Norwitz (New York, NY: Skyhorse, 2009).
22. O autor foi designado para o 3º Batalhão, 15º Regimento de Infantaria, 3ª Divisão de Infantaria, Exército dos EUA, em maio de 2003. Essa foi uma das Unidades principais na movimentação rumo ao norte, para Bagdá, e foi tema de ZUCCHINO, David, *Thunder Run: The Armored Strike to Capture Baghdad* (New York, NY: Grove Press, 2004); veja também US ARMY INFANTRY SCHOOL, *Infantry in Battle* (Ft. Benning, GA: United States Army, August 2005), p. 1-9.